



O Inimigo Vem do Mar: Cólera, Medo e Morte no Litoral Piauiense no Final no Século XIX

Marcus Pierre de Carvalho Baptista ¹
Francisco de Assis de Sousa Nascimento ²

RESUMO

O Medo da morte no imaginário humano suscita formas de encarar a realidade, determinando ações e reações que podem extrapolar a relevância concreta da situação. Na história da humanidade os oceanos foram vetores de disseminação de novas tecnologias e conhecimentos, mas também de fragilidades e incertezas, pois junto com as novidades vinham as adversidades, notadamente doenças de outros mundos. O objetivo deste artigo é analisar o Medo da chegada do Cólera no litoral piauiense no final do século XIX, tendo como entrada o “porto” de Amarração e a relação estabelecida entre Medo, Doença e Morte a partir desta. A metodologia constou de pesquisa bibliográfica e documental, sendo principal fonte a edição de 10 de dezembro de 1884 do periódico piauiense “A Época”. A partir das análises realizadas infere-se que no final do século XIX no Piauí vivenciou-se o Medo desta doença, que já havia se tornado epidêmica em décadas anteriores.

Palavras-Chave: Cólera; Medo e Morte; Litoral do Piauí; História da Saúde e das Doenças.

¹ Mestrado em andamento em História pela Universidade Federal do Piauí, UFPI, Brasil. marcus_pierre@hotmail.com

² Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense, UFF, Brasil. Docente na Universidade Federal do Piauí, UFPI, Brasil. franciscoufpi@gmail.com

No dia 10 de dezembro de 1884, final do século XIX, em uma pequena nota o periódico “A Época”³ comenta sobre a possibilidade da chegada do Cólera⁴ no Piauí através do “porto”⁵ da Vila de Amarração que, naquele momento, mantinha ocasionalmente contato direto com a Europa. Tratava-se de uma crítica ao também periódico “A Imprensa”⁶ e as providências que o Partido Liberal, através da presidência da província, publicadas em suas edições de 11 de dezembro de 1884⁷ e 11 de agosto de 1885⁸, tomava naquele momento para evitar possíveis epidemias que, por ventura, pudessem chegar via litoral, não se restringindo apenas ao Cólera, mas a outras enfermidades como a Varíola.

³ “A Época” iniciou suas atividades em 08 de abril de 1878, pertencente ao Partido Conservador da Província do Piauí, utilizando tipografia própria e sendo seus redatores principais: Teodoro Alves Pacheco, Raimundo de Arêa Leão e Simplicio Coelho de Rezende. Travava-se de publicações semanais e foi substituído pelo “Fiat Lux” em 1889 a partir da Proclamação da República. Com relação aos três redatores destaca-se a existência de desavenças políticas com o Partido Liberal em função da oposição exercida frente a este, ao ponto de que, segundo Chaves (1994), Raimundo de Arêa Leão pelo curto espaço de tempo (14 de outubro de 1885 a 16 de outubro de 1885) em que assumiu a presidência da província do Piauí demitiu cerca de 142 funcionários filiados ao Partido Liberal em retaliação a demissão de 317 funcionários, por sua vez, correligionários do Partido Conservador por um governante do Partido Liberal anteriormente. Faz-se necessário apontar a disputa política entre o Partido Conservador e o Partido Liberal durante a década de 1880 na província do Piauí, tendo em vista que estas querelas se refletiam em seus periódicos oficiais, no caso “A Época” Conservadora e “A Imprensa” Liberal.

⁴ “[...] o cólera é uma doença transmitida por um bacilo denominado de *Vibrio cholerae*, que pode ser ingerido através de comida ou bebida contaminada. Logo que é ingerido, se multiplica rapidamente, e entre algumas horas ou poucos dias começa a produzir desidratação. Pode-se perder até um quarto dos fluídos vitais do corpo por diarreia e vômito ininterruptos. Os afetados podem morrer em poucas horas. Uma vez que o bacilo é transmitido pelos excrementos de vítimas ou de portadores, a falta de higiene no uso de sanitários pode ser um meio importante de contágio. Lavar as mãos, ferver a água e cozinhar verduras e demais alimentos são importantes medidas de prevenção, pois o *Vibrio* pode ser afetado desfavoravelmente por temperaturas frias e ser eficazmente destruído em temperaturas altas. Mas pouco se sabia sobre isso em 1855. A descoberta do bacilo somente foi feita em 1884 pelo bacteriologista alemão Robert Koch [...]” (David 1993, p.10)

⁵ Segundo Barbosa (1986) e Rego (2010) o “porto” existente em Amarração tratava-se de um pequeno ancoradouro sendo necessário que os navios ancorassem na costa e aguardassem rebocadores para busca-los considerando o baixo calado (8 pés) da Barra da Amarração, condição esta que, entretanto, não inviabilizava o comércio realizado através da Vila de Amarração. De acordo com Rego (2010), no final do século XIX e início do século XX, o movimento marítimo existente naquele espaço era significativo tendo em vista a instalação na Vila de Parnaíba de escritórios de diversas companhias de navegação, nacionais e estrangeiras, que utilizavam o “porto” de Amarração para suas operações de transporte de cargas e passageiros, dentre elas: a Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão, *Booth & C. (London) Ltd., The Northern Pan American Line, Lamport & Holt Line Ltd., Moore McComarck Line*. Vizinha de Amarração, distante desta em 90 milhas navegando pelo curso d’água, a Vila de Parnaíba era, na época, ponto de conexão da província do Piauí ao litoral através do Rio Parnaíba, maior via fluvial do Piauí, com umas de suas desembocaduras na Barra de Amarração, dando assim acesso direto ao “porto” e ao Oceano Atlântico.

⁶ De acordo com Pinheiro Filho (1997) foi o órgão oficial de imprensa da província durante o período em que o Partido Liberal governava esta, existindo até 1889, pois com a Proclamação da República foi renomeado como “Atualidade”, fundindo-se depois com o “Fiat Lux”, originando, por fim, o periódico “A Democracia” (1890).

⁷ A edição de “A Imprensa” de 11 de dezembro de 1884 trazia o relatório do vice-presidente da província de 01 de outubro de 1884, Manoel Ildefonso de Sousa Lima, que havia assumido a presidência no período de 08 de setembro de 1884 a 01 de outubro de 1884, para o novo presidente da província, Raymundo Theodorico de Castro Silva, com as diferentes ações desenvolvidas durante sua administração, dentre elas a ordem ao capitão do Porto para a construção de uma casa de palha no “Porto” de Amarração para servir de lazareto frente a possibilidade da manifestação do Cólera naquele espaço.

⁸ A edição de “A Imprensa” de 11 de agosto de 1885 traz a fala do então presidente da província, Raymundo Theodorico de Castro Silva, para a Assembleia Provincial do Piauí sobre algumas das realizações de sua gestão, dentre elas a aprovação em 23 de dezembro de 1884 da construção do lazareto no “Porto” de Amarração, solicitado na administração anterior, para o recebimento de possíveis enfermos do Cólera e informando que no dia 27 de março de 1885 o lazareto encontrava-se concluído.

Situada no litoral do Piauí a Vila de Amarração⁹ surge durante o início do período oitocentista mediante a ocupação e atuação de alguns pescadores neste espaço e logo foi anexada pela província do Ceará em função da atuação de padres desta província, no caso da freguesia de Granja. Considerando as relações políticas e econômicas estabelecidas com Granja naquele momento, o povoado de Amarração foi transformado em distrito pela província do Ceará através da Lei nº 1.777, de 29 de agosto de 1865 e, no decorrer de nove anos, em vila pela Lei nº 1.596, de 05 de agosto de 1874. Apenas em 1880 o Piauí contesta a posse de Amarração através da lei geral nº 3.012 de 22 de outubro de 1880, entregando para a província do Ceará as Vilas de Príncipe Imperial¹⁰ e Independência em troca de Amarração.

Zona de litígio entre o Piauí e o Ceará até 1880 quando da reintegração ao território piauiense, Amarração constituiu-se também no espaço cujo sonhos, projetos de “progresso” e desenvolvimento da província, posteriormente, o estado do Piauí, permeavam alguns setores das camadas que compunham a sociedade no final do século XIX e no decorrer do século XX, por meio da perspectiva da implementação da ferrovia, assim como da construção do “porto” na Barra de Amarração, apontada como a melhor alternativa de saída marítima, desta forma, da construção de um “porto” nesta barra, para o Piauí na época.

Além disso, deve-se destacar que a transferência da capital de Oeiras para Teresina marca no Piauí a instalação de um projeto econômico que visava sua inserção no mercado externo a partir da segunda metade do século XIX até o início do século XX. Essa proposta econômica para o Piauí vinculava-se a um projeto nacional de inserção na economia internacional e a nível local compreendia-se que a inclusão da província só seria possível a partir do desenvolvimento de suas vias fluviais, preferencialmente através do Rio Parnaíba, por este ser a principal artéria fluvial que conectava a economia piauiense, e também pela construção de um “porto” marítimo que promovesse o escoamento da produção¹¹. E, assim, neste contexto, inseria-se a Vila de Amarração.

Retomando a nota do periódico “A Época”, tendo em vista o contexto social e econômico da Vila de Amarração, houve uma preocupação de que essa linha de comunicação estabelecida com o Velho Continente, ou seja, com a Europa, poderia suscitar um novo surto de Cólera no Piauí, visto que

⁹ De acordo com a Fundação CEPRO (1992, p.255) “Em 1931, o Decreto nº 1.272 suspendeu a autonomia administrativa de Amarração, passando a jurisdição de Parnaíba, sendo restabelecida em 1938, pelo Decreto nº 197. Em 1935, teve seu nome modificado para Luís Correia, em homenagem a Luís de Moraes Correia, político da localidade. A instalação oficial do município ocorreu em 1º de janeiro de 1939.”

¹⁰ Refere-se atualmente à cidade de Crateús (CE).

¹¹ A produção da economia piauiense neste período estava relacionada principalmente a pecuária, mas também a produtos da atividade agrícola e do extrativismo vegetal, como a cera de carnaúba, borracha da maniçoba, algodão, coco babaçu, dentre outros, que vinham do interior para o litoral. Para compreensão deste contexto ver os trabalhos de Queiroz (1998), Santana (2001) e Rego (2010).

não havia uma política de prevenção do governo provincial para o impedimento de navios suspeitos de terem em sua carga vítimas da doença.

A preocupação expressada pelo periódico não era algo incomum considerando os sucessivos surtos das doenças durante o período oitocentista no Brasil e também na Europa. O “porto” de Amarração, nesse viés, comumente apontado enquanto espaço que possibilitaria o desenvolvimento¹² da província do Piauí, torna-se uma Paisagem do Medo¹³, um local que, sem a devida supervisão e controle, permitiria a chegada de um hóspede indesejado: o Cólera.

Nesse sentido, a doença, aliás, a remota possibilidade de sua chegada novamente ao Piauí pelo Oceano Atlântico provoca o Medo. Medo não apenas de se tornar um enfermo, mas da consequência final que muitos que adquiriam o flagelo terminavam por ter: a Morte. Medo, Morte e Doença manifestam-se na breve nota lançada pelo periódico “A Época” sobre o *cholera morbus*.

Dessa forma, o objetivo desse artigo foi analisar a relação existente entre Doença, Medo e Morte no final do século XIX no Piauí tomando como pretexto o Medo da possibilidade da chegada do Cólera pelo litoral piauiense, particularmente pelo “porto” de Amarração na vila de mesmo nome.

A metodologia constou de pesquisa bibliográfica para compreensão e discussão teórica sobre a relação existente entre Medo, Morte e Doença, principalmente, durante o período oitocentista. Para tal utilizou-se as perspectivas apresentadas por Tuan (2005) e Ariès (2012) acerca da relação destes três aspectos. Além disso, empregou-se pesquisa documental e análise de fontes hemerográficas, particularmente, a edição de 10 de dezembro de 1884 do periódico “A Época” e a edição de 11 de agosto de 1885 do periódico “A Imprensa”.

Dessa forma, este artigo buscou discorrer não sobre o efeito do Cólera no Piauí, mas sim sobre o Medo gerado por este no imaginário social da época, consequentemente a relação que se cria entre Doença, o Medo desta e consequentemente a Morte.

MEDO, MORTE E DOENÇA: REFLEXÕES TEÓRICAS

Antes de um ano, seus alunos do Hospital da Misericórdia lhe pediram que os ajudasse com um enfermo indigente que apresentava uma estranha coloração azul em todo o corpo. Bastou ao doutor Juvenal Urbino vê-lo da porta para reconhecer o inimigo. Mas a sorte ajudou: o doente tinha chegado três dias antes numa goleta de Curaçau e tinha ido à consulta externa do hospital por seus próprios meios, não parecendo provável que houvesse contaminado

¹² Segundo Rego (2010) muitos foram os argumentos favoráveis acerca do Porto de Amarração na medida em que este era considerado um dos principais elementos no final do século XIX e início do século XX para o desenvolvimento do Piauí.

¹³ Para um maior entendimento sobre o conceito de Paisagem do Medo ver Tuan (2005).

ninguém. [...] O doente morreu quatro dias depois, sufocado por um vômito branco e granuloso [...] (Marquéz 2016, p.97)¹⁴

Assim Marquéz (2016) descrevia o Cólera, uma doença que sem os devidos tratamentos poderia facilmente levar ao óbito e que até o final do século XIX na Europa e na América foi a causa da morte de inúmeras pessoas.

Dessa maneira, estar vivo significa dizer que irremediavelmente a certeza de que um dia morreremos. Vida e Morte nesse contexto tornam-se duas faces da mesma moeda, antíteses, separadas, muitas vezes, por um breve momento, às vezes pelo alvorecer de um novo dia, outras vezes pelo passar dos anos, que lentamente aproximam aquele que está vivo ao seu destino final: a morte.

Apesar de se tratar de algo natural não podemos deixar de perceber a morte enquanto histórica, no sentido de que ao longo do tempo esta foi percebida e encarada de maneiras distintas, tendo dessa forma uma historicidade. Segundo Tuan (2005) e Ariès (2012) a morte foi representada e percebida de diferentes maneiras ao longo do tempo e do espaço.

Em Tuan (2005) o foco da discussão se dá na questão do Medo e na produção das Paisagens do Medo, dessa forma a Morte aparece vinculada ao Medo e a criação dessas Paisagens ao se pensar algumas sociedades e temporalidades específicas, como a morte e o seu Medo pela criança no Ocidente, representado a partir dos contos de fada e também do infanticídio perpetrado pelos adultos aos infantes até meados do período oitocentista de acordo com o autor. Além disso, aponta também a presença da morte e o Medo decorrente desta em outros momentos, como o Medo da morte prematura no período medieval, o Medo de fantasmas e da vida após a morte, a morte enquanto uma punição, conseqüentemente uma paisagem do Medo, na tentativa de coibir ações criminosas e rebeldes na Europa de fins da Idade Média até o início do século XVIII.

Em Ariès (2012) o cerne da questão gira em torno nas atitudes tomadas frente a Morte e como estas transformam-se ao longo do tempo no Ocidente Medieval até a Contemporaneidade, inferindo que apenas a partir do século XIX e XX o Medo e a recusa da morte se estenderá e penetrará boa parte das civilizações ocidentais, até então, esta era representada de maneiras diferenciadas, sendo muitas vezes exaltada, como no caso do período romântico e exigindo uma preparação do sujeito para encontrá-la.

¹⁴ Trecho do romance “O amor nos tempos do cólera” de autoria de Gabriel García Márquez, escritor colombiano, publicado pela primeira vez em 1985, cuja narrativa se “passa na América Latina durante a transição do século XIX para o XX, na região da Cartagena, na Colômbia. O romance narra o amor de Florentino Ariza por Fermina Daza, que durou cinquenta e um anos, nove meses e quatro dias [...] e que foi na luta contra o cólera que ele se apaixonou” por ela (Pinheiro & Couto 2014, p. 874, 875).

Dessa forma, pode-se dizer também que discorrer sobre a morte ou sobre suas representações envolve a necessidade da compreensão de que esta muitas vezes não está sozinha, sendo necessário tratar sobre outros aspectos temporais e sociais que a compõem.

Nesta perspectiva quando pensamos a morte no período oitocentista, particularmente no final deste, esta se encontra associada a outros elementos, como o Medo e as doenças.

O Medo, de maneira similar a morte, está presente em todas as sociedades, podendo estar relacionado a um número infinito de aspectos: tais como o escuro, a possibilidade de ser abandonado, o Medo da própria morte, do desconhecido, da guerra, das doenças. Dessa forma, o Medo é algo experimentado pelo sujeito e pode ser tanto subjetivo, como concreto. Ele seria o responsável por produzir as Paisagens do Medo, ou seja, os espaços que produziriam no indivíduo o terror, o Medo propriamente dito (Tuan 2005).

A partir disso, seria possível pensar uma relação com a História? Talvez a pergunta mais apropriada fosse: Seria possível não pensar uma relação com a História? Partindo da ideia que todo e qualquer aspecto que englobe o ser humano é histórico como o Medo poderia não ser? O Medo não se transforma ao longo do tempo? O indivíduo e a sociedade não o sentem de maneiras diferenciadas dependendo do espaço e do tempo no qual se encontram inseridos? Podemos dizer, então, que o Medo é histórico. Ele muda com o passar do tempo e também se modifica de acordo com cada sociedade, assim como a morte.

Morte e Medo, então, são produtos históricos, podendo estar ou não relacionados. Dessa forma, ao pensarmos o final do século XIX esta relação torna-se mais evidente. A recusa da morte, segundo Ariès (2012) consequentemente o Medo desta, torna-se um aspecto comum no cotidiano e outro elemento entra em cena neste ponto: as doenças¹⁵.

Segundo Tuan (2005), as doenças, particularmente, as epidemias no Ocidente provocavam o Medo nas pessoas das coisas que as cercavam, como seus pares ou até mesmo o próprio ar que respiravam. Doentes e defuntos tornavam-se imediatamente suspeitos. Deve-se destacar que a falta de

¹⁵ É preciso lembrar que o Medo gerado pela doença não surge no século XIX. As percepções sobre a doença diferiram ao longo do tempo e do espaço. Para Tuan (2005, p.140) “[...] o Medo da doença está estreitamente ligado ao Medo de muitos outros fenômenos, incluindo defeitos na própria pessoa, em objetos estragados ou enfeitados, pessoas ruins, espíritos demoníacos e um cosmos funcionando mal.”. Com relação aos povos iletrados as doenças poderiam ter duas causas: externas ou internas. No caso da externa o sujeito era invadido por algo de fora, algo exterior a ele. No caso da interna a ocorrência da doença era explicada pela violação de algum tabu ou ofensa a alguma divindade. A doença podia ser provocada por um objeto estranho no corpo, por maus espíritos ou demônios, e também por conta de bruxaria e feitiçaria. É preciso dizer que algumas destas crenças permaneceram até meados do século XIX na ciência médica, principalmente no que se refere a influência do meio no qual a pessoa encontrava-se inserida, a exemplo do ar.

profilaxia terminava por ocasionar a fuga de locais que se encontravam endêmicos. Com relação aos métodos profiláticos Tuan (2005) aponta que apenas a partir do período oitocentista

[...] a ênfase foi colocada na higiene pessoal e pública e na segregação do doente. Essas eram medidas sensatas. Em épocas anteriores, embora as pessoas tivessem conscientes da necessidade de quarentena e de limpeza, este conhecimento fora neutralizado por outras convicções, algumas das quais eram estranhas e relativamente inofensivas, ao passo que outras aumentavam o desconforto e horror da pestilência. (Tuan 2005, p.161).

Não foram poucas as doenças que se tornaram endêmicas ao longo dos séculos, tampouco durante o período oitocentista, doenças como a febre amarela, tuberculose, varicela, a peste bubônica e o cólera em função da insalubridade transformavam-se facilmente em epidemias fazendo parte do dia-a-dia da sociedade ocidental¹⁶.

Pensar sobre a possível chegada do Cólera no Piauí no final do século XIX, então, particularmente na Vila de Amarração situada no litoral piauiense, significa refletir sobre essas questões. Significa ponderar sobre a relação existente no final do período oitocentista entre Doença, Medo e Morte na sociedade.

UM HÓSPEDE INDESEJADO: O MEDO DO CÓLERA NO PIAUÍ NO FINAL DO SÉCULO XIX

A origem geográfica do cólera remonta a Índia¹⁷, tendo se espalhado por todo o mundo pela primeira vez em 1817, atingindo países da Ásia e da África. Em 1826, em uma segunda pandemia chegou a Europa e a América do Norte. A terceira incursão mundial da doença, em 1840, incluiu partes da América Central e do Sul, chegando ao Brasil em 1855, através de uma embarcação oriunda de Portugal que aportou na província do Pará (Lemos 2016).

De certa forma o caráter epidêmico assumido pela doença na Europa e na América no período oitocentista pode ser explicado pelas transformações ocorridas nos transportes, principalmente com o surgimento da ferrovia e da navegação a vapor, em função da Revolução Industrial¹⁸. Nesse

¹⁶ Segundo Tuan (2005) são vários os momentos históricos que podemos perceber a ação dessas doenças e sua transformação em epidemias. A Peste Bubônica no século XIV na Europa, a epidemia de Cólera na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Rússia no século XIX, a Febre Amarela no século XVIII na Filadélfia.

¹⁷ De acordo com Santos (1994) ao pensar sobre o Cólera e o seu efeito sobre a humanidade a historiografia só passa a dar mais ênfase a doença quando esta inflige diretamente a Europa. Para o autor isto se deve pelo caráter epidêmico assumido pela doença ao atingir o continente europeu através das rotas de caravanas existentes que vinham da Ásia já desde o século XIII em detrimento ao caráter endêmico desta na Ásia, ou seja, tratava-se de uma doença que produzia certo número de vítimas, principalmente na Índia, mas por se tratar de um número estável em um período abrangente de tempo não se configurava em uma epidemia. Ainda em sua perspectiva o interesse gerado pela doença se deve também as medidas sanitárias, na maioria dos casos, impopulares e geradoras de revoltas sociais, tomadas pela Europa e pela América para tentar controlar e reduzir o impacto da doença na sociedade.

¹⁸ O período oitocentista reflete o momento histórico marcado pelo que Hobsbawm (1981) chama de a dupla revolução: a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Para o autor vários países, conseqüentemente vários espaços, sentiram o efeito desta dupla revolução, principalmente durante o período oitocentista, em diferentes aspectos, no caso aqui, basta dizer que as transformações e inovações nos transportes são decorrentes destas.

sentido, de acordo com Santos (1994), a segunda metade do século XIX proporciona, através dos vapores e também das ferrovias, na Europa e América um maior deslocamento de populações, bem como uma intensificação do comércio. Dessa forma, mudavam-se as rotas e surgiam outros itinerários para o Cólera e o Brasil não demorou a ingressar nesse cenário.

Segundo Alexandre (2010) chegando ao Brasil a doença percorreu caminhos em praticamente toda a região que hoje entendemos como o Nordeste: Maranhão, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, tendo sido objeto de Medos em todos os espaços por onde passava.

Embora a doença se caracterize com uma sintomatologia grave é interessante notar que foi a falta de conhecimento a condição que ampliava significativamente o Medo da população em relação ao Cólera, como informa David (1993, p. 7) sobre a epidemia ocorrida na Bahia

A Bahia viveu uma devastadora epidemia de cólera-morbus nos anos de 1855-56. O fato causou Medo e pânico na população, que desconhecia completamente a doença. As opiniões especializadas, dos médicos, não estavam em melhor situação, especulavam desorientados sobre suas causas e formas de tratamento. O flagelo desorganizou a economia, alterou as relações afetivas e modificou comportamentos seculares, a exemplo do abandono do tradicional costume de enterros nas igrejas.

No contexto cearense este Medo em função da falta de conhecimento, bem como das vítimas deixadas pelo flagelo em seu caminho pode ser percebido a partir do destaque dado a epidemia ocorrida a partir de 1862 nesta província, que não apenas marcou vida e morte das pessoas que viviam na época, mas também seu imaginário, expressado através do seguinte trecho de uma novela escrita na época:

[...] A TRISTE CENA DE BRUTEZA HUMANA que vou narrar passou-se em 1862, na epidemia do cólera-morbo, em uma das vilas do litoral do Ceará.

Eu era bem criança; tinha apenas nove anos, mas conservo estereotipado em mim tudo que vi daquela Medonha peste.

Meu pai era o único médico do lugar quando se deu a invasão do mal. Havia meses que o flagelo devastara os sertões da província, e de lá vinham as mais desoladoras notícias. Tudo estava se acabando no interior, morria-se em poucas horas, dizia a nova popular em seu costumado exagero, e assim se espalhava de tenda em tenda, deixando em sua passagem o germen do desconforto a desenvolver-se e a crescer! . . .

O espírito das populações marinhas cada vez mais se abatia com os horrores que se contavam da peste. Não se guardavam as devidas reservas sobre o progresso e intensidade da epidemia. Os poderes públicos, não compreendendo a influência pernicioso de semelhantes novas, as divulgavam abatendo assim mais o ânimo dos que iam gozando as imunidades do contágio.

Era a primeira vez que o mortífero filho do Ganges nos visitava; que a legião desses infinitamente pequenos deixava a sua terra, para vir empestar a nossa tenda.

O pânico era geral; numa mortificante tensão de espírito, como a do condenado que espera no oratório que venham buscá-lo para o patíbulo, aguardávamos a visita da peste.

A posição topográfica da localidade, longe de nos dar uma certa imunidade, pelo contrário, favorecia a procriação dos micróbios do mal, pois que a vila estava edificada num estreito vale,

Marcus Pierre de Carvalho Baptista; Francisco de Assis de Sousa Nascimento

cercada de montanhas. O vento que é o veículo do cólera, o deixaria ali, e o bacilo da peste se desenvolveria e mataria à vontade.

E todos nós nos preparávamos, não para resistir ao inimigo, pois não tinha armas a nossa ignorância, mas para morrer. Não se tardaria ouvir o gemido do primeiro pesteadado.

Foi em dias de janeiro que soubemos estar o inimigo a menos de dez léguas. O pânico foi geral e indescritível (Theophilo 1898, p. 236-237)¹⁹

No breve trecho da narrativa literária²⁰ tem-se a construção de uma memória²¹ do autor sobre a experiência vivida de uma conjuntura marcada pelo Medo do Cólera, pela recusa da morte a qual esta doença estava normalmente associada. Além disso, observa-se também a sensação de impotência perante a doença como também um causador desse Medo. Nesse contexto, a morte passa a ser uma paisagem comum, segundo a novela, para os habitantes de Maranguape no litoral cearense.

Essa narrativa nos interessa, no entanto, por tratar do efeito do Cólera no Ceará, particularmente no litoral cearense no ano de 1862. A relevância deste aspecto se dá por dois motivos: somente no ano de 1880 a província do Piauí retoma a Vila de Amarração, conseqüentemente o espaço referente ao seu litoral, da província do Ceará. Portanto, embora não tenhamos registros sobre o efeito do Cólera em Amarração neste momento, ou seja, na década de 1860, não seria equivocado sugerir que, talvez, o Cólera também tenha flagelado a referida Vila no mesmo período, visto que na época esta pertencia a província do Ceará.

O segundo aspecto é que, basicamente, na mesma temporalidade, de 1861 a 1863, o Cólera também vitimou o Piauí, entendendo, assim, que esta província não esteve isolada dos efeitos do Cólera na região durante esta época.

Segundo Nunes (1975) o Cólera assolou o Piauí dos anos de 1861 e 1863, retrocedendo nos anos seguintes e havendo o registro de alguns casos isolados até os anos 1870. O autor destaca também a ação das autoridades públicas na tentativa de controlar e reduzir o efeito da doença no Piauí através do envio de medicamentos, definição de casas para acolher os acometidos pelo flagelo, contratação de

¹⁹ Novela publicada em 1898, de autoria do farmacêutico, escritor, sanitarista e industrial Rodolfo Teófilo, composta de apenas 22 páginas e organizada em quatro capítulos, mistura autobiografia com ficção, mesclando história e literatura em uma narrativa fluida que retrata a epidemia de cólera na cidade de Maranguape vivenciada pelo autor aos nove anos de idade (Lemos 2012).

²⁰ Entende-se aqui a utilização da Literatura enquanto fonte histórica a partir da concepção de Pesavento (2005) no sentido de que a Literatura permite ao historiador refletir sobre o imaginário de uma sociedade acerca de seu passado, de seu próprio tempo ou até mesmo sua projeção para o futuro. Ao historiador não cabe analisa-la enquanto uma ficção, mas sim enquanto uma possibilidade de um passado que já não é possível acessá-lo como um todo, apenas fragmentos, um deles sendo a própria narrativa literária.

²¹ Entende-se memória aqui a partir da concepção de Halbwachs (2006) no sentido de que a memória é uma reconstrução de algo que aconteceu em um tempo passado a partir de experiências do sujeito no tempo o qual ele se encontra, ou seja, no tempo presente. Essa operação de reconstrução torna-se possível a partir do diálogo estabelecido entre essa memória individual e a memória coletiva, construída ou reconstruída em outro momento e que termina por resvalar na memória individual. No caso em questão, a memória individual do autor sobre o efeito do Cólera no Ceará durante sua infância muito provavelmente foi agasalhada pela memória coletiva dos grupos nos quais ele estava inserido.

peças para prover assistência aos doentes, além da queima de campos para “purificar” o ar. Como apontado pela novela de Theophilo (1898) na época acreditava-se que o ar era uma das formas de contágio do Cólera. Em Teresina, capital da província do Piauí na época suscitada, de acordo com Andrade (2016) o Medo e a possibilidade de uma epidemia de cólera fez com que a administração da província considerasse a construção de um cemitério provisório, chegando inclusive a limpar o terreno onde este ficaria.

No que se refere as providências tomadas pelas autoridades públicas para lidar com as epidemias, bem como as novas formas de organização do espaço, estas foram largamente influenciadas neste momento histórico e até o início do século XX pelo movimento higienista e pelo discurso médico. (Costa 2013)

Este movimento preconizava que a modernização dos espaços só seria possível a partir do cuidado com a educação e com a saúde da população, através de um esforço conjunto com o Estado. Na medida que o povo se tornasse mais saudável, mais educado, mais preocupado com o cuidado de si, o desenvolvimento da nação seria uma consequência direta desta nova cultura, visto que a pobreza, as doenças, a sujeira de uma forma geral no final do século XIX estavam associadas com a degeneração física, política e moral, bem como o atraso do referido povo ou nação. (Góis Junior 2002; Oliveira et al. 2012; Silva 2014).

No caso de Amarração no litoral do Piauí no final do período oitocentista esse discurso se fez presente a partir de alguns fatores, dentre eles a construção do lazareto para o caso de enfermos do Cólera que chegassem naquele espaço através do oceano, cerne deste trabalho, a campanha de vacinação das pessoas da Vila de Amarração, principalmente as crianças, para prevenção de doenças infectocontagiosas, como a Varíola que, ocasionalmente, se manifestava neste espaço, mas também a nomeação de médicos para formar comissões sanitaristas de fiscalização e acompanhamento da construção dos lazaretos e das condições de higiene dos vapores que chegavam na referida Vila.

As edições de 09 de dezembro de 1882 e de 27 de janeiro de 1883 do periódico “A Imprensa” trazem algumas notas referindo-se a aplicação de vacinas aos estudantes da escola primária de Amarração, informando que estes deveriam se deslocar para Parnaíba a fim de receber a aplicação das vacinas. Não seria fortuito dizer que o discurso médico em fins do século XIX passou a exercer direta influência sobre a vida da Vila de Amarração, seja através da construção de espaços específicos para prevenção do Cólera, como uma casa de palha para servir de Lazareto, ou em função da vacinação realizada com algumas crianças desta vila.

Considerando, então, o efeito que o Cólera teve na província do Piauí durante os anos 1860 e, muito provavelmente, também em Amarração na mesma época, além da influência do discurso médico e do movimento higienista no Brasil no final do século XIX, não é de se estranhar a preocupação do periódico “A Época” em 1884 sobre a possível chegada da doença, poucos anos depois da província ter retomado Amarração do Ceará, conforme podemos observar na seguinte nota publicada no periódico em 11 de dezembro de 1884:

O cholera morbus.

Esse terrível flagello, depois de haver atemorizado os animos na Europa, atacando alternadamente a França, a Italia e a Hespanhia, ameaça invadir a America do Sul.

O grito de alarme já foi dado e cumpre que o governo se esforce para evitar a propagação dessa epidemia sinistra, que vem derramando em seu caprichoso percurso a desolação, o terror e a morte. Navios suspeitos como o Matteo Bruzzo, Nord-America e Persêo, trazendo em seu bordo mais de quatro mil emigrantes, são repellidos sucessivamente a tiros de baia dos portos do Rio da Prata e do Rio de Janeiro, onde o primeiro tentou entrar a despeito das intimações que lhe fizeram o inspector da saúde do porto e o commandante da fortaleza de Santa Cruz. Temos em nossa província um porto marítimo, ás vezes em comunicação directa com a Europa. O que já fez o sr. Theodorico²² para preserva-nos do contagio do mal? Será isso cousa mínima, que não mereça os cuidados do nosso pretor? O governo imperial já deu o exemplo, fechando os nossos portos áqueles vapores e estabelecendo rigorosa quarentena para os que vierem de procedencia suspeita. Já terá providenciado o sr. Theodorico para que o mesmo succeda na Amarração, ou será este o unico porto de mar brasileiro, francamente accessível á quantos flagellos nos queiram importar do antigo continente? Sabemos que o sr. dr. Souza Lima²³, quando esteve na administração, attendeu á uma representação da camara municipal da Parnahiba e encarregou o inspector de saude dessa cidade de mandar construir uma casa de palha na Amarração para servir de lazareto no caso de invasão do cholera. Mas será isto bastante? Não seria tambem conveniente, ou mais ajuda, usar dos recursos possiveis, para frustrar a visita de semelhante hospede? (A Época 1884)

Como impedir a chegada deste “terrível flagelo”? O que fazer para “frustrar a visita de semelhante hóspede”? A partir da nota publicada no periódico “A Época” em 1884 é possível perceber o Medo da remota possibilidade do Cólera atingir a província do Piauí novamente, talvez até mesmo em função da velocidade e intensidade de disseminação da doença no Brasil, principalmente na zona costeira, visto que, segundo Santos (1994) o cólera teve um efeito maior nas cidades litorâneas ou mais próximas da costa causando devastação e Medo nas populações levando a atuações nem sempre adequadas das administrações públicas no que se refere a questão sanitária, a exemplo da cidade de Salvador na Bahia.

Nesse contexto, o “porto” de Amarração, tido como um espaço necessário para garantir o escoamento da produção piauiense, fomentando assim o desenvolvimento da província e, futuramente

²² Raymundo Theodorico de Castro e Silva, presidente da província do Piauí de 01 de outubro de 1884 a 01 de setembro de 1885 (Nascimento et al. 1993).

²³ Manuel Idelfonso de Sousa Lima, de 1879 a 1885 ocupou seis vezes o cargo de presidente da província do Piauí (Nascimento et al. 1993).

do estado, perde esse aspecto tão comumente exaltado pelos veículos de comunicação da época²⁴ e torna-se uma Paisagem do Medo, um espaço que poderia trazer a partir do contato com o Velho Continente doenças epidêmicas que afligiam sua população, um espaço que não mais traria o desenvolvimento e sim a Morte.

Diante dessa possibilidade, é evidente a crítica do periódico ao então presidente da província do Piauí, Raymundo Theodorico de Castro e Silva, em função da suposta inércia de sua administração em não tomar medidas para precaver a província de ser assolada por esse mal novamente, a exemplo do que o governo imperial estava fazendo em outros portos, segundo a nota.

É interessante também que, segundo a notícia, embora durante a administração de Sousa Lima tenha se efetuado o pedido para a construção de uma casa de palha em Amarração para que fosse um lazareto²⁵ ainda assim a dúvida e o Medo permanecem. Será que seria o suficiente para impedir uma nova epidemia de Cólera na província? Será que outras providências não deveriam ter sido tomadas?

Deve-se evidenciar também que, para além do Medo da doença e da morte com a possível chegada do Cólera, as divergências políticas se faziam presentes como combustível para alavancar as críticas acerca das providências realizadas pela administração provincial para lidar com a situação.

Esta questão reflete-se a partir da forma como a nota refere-se ao vice-presidente da província, Manuel Idelfonso de Sousa Lima, e ao então presidente, Raymundo Theodorico de Castro e Silva. Embora o periódico tenha citado os dois governantes ao tratar do problema, a crítica foi realizada ao último, relegando a Sousa Lima apenas uma menção de sua contribuição para a tentativa de resolução caso o Cólera chegasse no Piauí através do litoral, ou seja, sua encomenda para a construção de um lazareto em Amarração. A Raymundo Theodorico, a crítica torna-se mais incisiva e neste ponto levantam-se duas possibilidades: esta é feita por conta do Medo da doença, como dito anteriormente, mas também em função das disputas políticas entre o Partido Liberal e o Partido Conservador.

A partir disso, podemos fazer as seguintes indagações: se já na administração de Sousa Lima houve o pedido para a edificação do citado lazareto, por que apenas na gestão seguinte, de Raymundo Theodorico, o periódico “A Época” questionou a ação tomada pela administração provincial? Se acreditavam que a construção de uma casa de palha para o recebimento de pessoas acometidas pelo Cólera não seria o bastante para impedir uma nova epidemia por que não se manifestaram antes, criticando Sousa Lima e alertando para a não solução do problema em Amarração?

²⁴ “A Época” de 1883, “Nortista” de 1901 e “Semana” de 1910 são alguns dos periódicos piauienses que tratam sobre a necessidade de um porto para o desenvolvimento do Piauí.

²⁵ Local destinado para a quarentena de pessoas suspeitas de portarem doenças infecciosas, conforme Alexandre (2010).

Para compreender as relações estabelecidas aqui, então, não podemos nos esquecer que o periódico “A Época” era vinculado ao Partido Conservador, emitindo as posições e opiniões deste, e que Raymundo Theodorico era correligionário do Partido Liberal. Portanto, não é de se estranhar que, talvez, a crítica feita a sua administração, por conseguinte ao Partido Liberal, e a maneira como estava lidando com essa situação em Amarração, tivesse também a influência das disputas políticas que existiam entre ambos os partidos na província do Piauí no final do período oitocentista.

Deve-se ter em mente também que a última menção encontrada sobre o Cólera neste período no Piauí foi a da edição de 11 de agosto de 1885 do periódico “A Imprensa” que trazia a seguinte fala do Presidente da Província para a Assembleia Provincial sobre diversos aspectos desta, dentre eles, os Lazaretos:

Em 23 de Dezembro, approvei o contracto que assignou o Tenente Coronel Luiz Antonio de Moraes Correia, para a construção de um lazareto na villa de Amarração, afim de n'elle serem recolhidas as pessoas que por ventura desembarcassem no porto d'aquella villa, atacadas do cholera-morbus.

Communicando-me o Capitão do Porto, em officio de 27 de Março, achar-se prompto o dito lazareto, nomeei, em 7 de Abril, uma commissão composta do mesmo Capitão do Porto, do Presidente da Camara Municipal da Amarração, e do Supplente do Juiz Municipal d'esse termo, em exercicio, para examinar e dar parecer se a obra se achava feita nos termos do contracto; e em virtude do parecer dessa commissão, aceitei a dita obra [...] (Sic). (A Imprensa 1885)

Ao tempo em que o periódico “A Imprensa” traz a fala de Raymundo Theodorico para a Assembleia Provincial dando conta do término da construção do Lazareto em Amarração para acolhimento dos possíveis enfermos do Cólera no início do ano de 1885 não há uma referência se a doença de fato atingiu a localidade. Da mesma forma que não foi possível encontrar se a construção da casa de palha foi a única medida tomada pela administração provincial no que se refere a prevenção e tratamento da enfermidade visando impedir uma epidemia.

Por conseguinte, o periódico “A Época” também não dá continuidade a crítica feita ao governo provincial e nem discorre se a doença teria acometido ou não a Vila de Amarração neste final de século. Nos anos que seguem, no início do século XX, no que se refere a doenças infectocontagiosas na Vila de Amarração foi encontrado apenas menções a Varíola e a Gripe Espanhola nos anos de 1914 conforme a Mensagem para a Câmara Legislativa do Governador do Estado, Miguel de Paiva Rosa²⁶, que tratava sobre a saúde pública, dentre outros aspectos, no estado do Piauí, comunicando sobre a Varíola que havia chegado no estado na Vila de Amarração através de seu “porto” e também na vizinha

²⁶ Formado em Direito, exerceu a profissão de jornalista e foi governador do Piauí no período de 1 de julho de 1912 a 1 de julho de 1916, tendo nascido e falecido em Teresina (1876 – 1929) (Gonçalves 1993).

Parnaíba. Em função da situação o governador como medida de combate a doença ordenou que os navios que atracassem em Amarração fossem desinfetados e que permanecessem de quarentena.

Em 1919, a Gripe Espanhola toma o lugar da Varíola e chega ao estado do Piauí. De acordo com a Mensagem para a Câmara Legislativa do Governador do Estado, Euripedes Clementino de Aguiar²⁷, também sobre a saúde pública no estado, a pandemia ingressa no Piauí já no final de 1918 mais uma vez através do “porto” de Amarração, afetando, principalmente, Amarração, Parnaíba e Teresina, espalhando-se, no entanto, por todo o estado.

Dessa forma, mesmo não havendo registros de outro surto de Cólera durante o período trabalhado, ou seja, em fins do século XIX no Piauí, e, embora a nota publicada também tivesse influenciada pelas disputas políticas desse momento histórico, é interessante perceber como esta doença ainda permeava o imaginário social da época, gerando não apenas o Medo desta, mas também daquilo que, conseqüentemente, ela poderia ocasionar: a morte.

CONCLUSÃO

O que é o Medo, senão, em grande parte um produto da mente humana. Produto de uma mente complexa capaz de perceber o mundo enquanto ordenado, múltiplo e seguro, mas ao mesmo tempo desordenado, repleto do caos e mortes. O Medo não é algo novo. Ele nada mais é que um produto histórico, o reflexo de um tempo e de um lugar e transforma-se a medida que a linha histórica avança.

Dessa forma, foi desse Medo do Cólera que o periódico piauiense “A Época” no final do período oitocentista tratou, Medo de que a doença vitimasse mais uma vez a população da província como havia feito algumas décadas antes, Medo da perspectiva futura de desenvolvimento da província tornar-se o ponto de entrada para um flagelo, Medo de que o “porto” na Vila de Amarração se tornasse uma Paisagem do Medo.

Assim o Medo é intrínseco ao ser humano, ele existe, mas não paralisa, ao contrário, ele leva a reação, a formas de superá-lo. No Piauí no final do século XIX a reação ao Medo do Cólera se deu com o pedido a administração provincial da tomada de medidas preventivas contra a doença e a construção de um lazareto para evitar a proliferação da doença caso esta chegasse ao Piauí.

Portanto, a possibilidade da “visita” indesejada do Cólera marca o imaginário social no Piauí no final do século XIX através da relação estabelecida entre Doença, Medo e Morte naquele momento.

²⁷ Médico, político e jornalista que foi governador do estado do Piauí entre 01 de julho 1916 e 01 de julho de 1920, nascido em Matões, MA, em 1880 e falecido em Teresina em 1953 (Gonçalves 1993).

REFERÊNCIAS

- Alexandre JF 2010. *Quando o “Anjo do Extermínio” se aproxima de nós: representações sobre o cólera no semanário cratense O Araripe (1855-1864)*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 245 pp.
- Andrade AR 2016. *Entre o sertão e as margens do Rio Parnaíba: a transferência da capital e a cidade de Teresina na segunda metade do século XIX*. Dissertação de Mestrado em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Centro de Ciências Humanas, Letras, 212 pp.
- Ariès P 2012. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 291 pp.
- Barbosa EGCB 1986. *O Parnaíba: Contribuição à História de sua navegação*, Projeto Petrônio Portella Teresina, 174 pp.
- Chaves JRF 1994. *Apontamentos biográficos e outros*. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, Teresina, 250pp.
- Costa MCL 2013. Influências do Discurso Médico e do Higienismo no Ordenamento Urbano. *Revista da ANPEGE*, V 9(11); 63-73.
- David OR 1993. *O Inimigo Invisível: A epidemia do cólera na Bahia em 1855-56*. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 177 pp.
- Fundação CEPRO 1992. *Perfil dos Municípios Piauienses*. Teresina.
- Góis Junior E 2002. “Movimento Higienista” na História da Vida Privada no Brasil: do Homogêneo ao Heterogêneo. *ConScientiae Saúde* 1: 47-52.
- Gonçalves WC 1993. *Dicionário histórico-biográfico piauiense 1718-1993*. 2.ed, Júnior, Teresina, 302 pp.
- Halbwachs M 2006. *A memória coletiva*, Centauro, São Paulo, 190 pp.
- Hobsbawm EJ 1981. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. 3.ed, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 343 pp.
- Lemos MA 2012. Violação: Rodolfo Teófilo e o cólera-morbo. In: Simpósio Nacional de História Cultural – Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar 6., Teresina. *Anais...* Teresina, UFPI, p. 1-9.
- Lemos MA 2016. *Terror no sertão do Ceará: O cólera e seus flagelos*. EdUECE, Fortaleza, 327 pp.
- Marquéz GG. 2016. *O Amor nos tempos do Cólera*. 38.ed, Record, Rio de Janeiro, 400 pp.
- Nascimento FA, Borges GA, Meneses ELM, Sousa WVD 1993. *Governadores do Piauí: Uma Perspectiva Histórica*, Fundação CEPRO, Teresina, 190 pp.
- Nunes O 1975. *Pesquisas para a História do Piauí*. Vol. IV, 2.ed, Artenova, Rio de Artenova, 323 pp.
- Oliveira IB, Freire LQB, Sousa DS, Lourenço JM 2012. A Ordem antes do Progresso: o Discurso Médico – Higienista e a Educação dos corpos no Brasil do início do Século XX. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, A 9(1):1-15.

Pesavento SJ 2005. *História e história cultural*. 2. ed, Autêntica, Belo Horizonte, 78 pp.

Pinheiro Filho C 1997. *História da Imprensa no Piauí*. 3. ed, Zodiaco, Teresina, 255 pp.

Pinheiro ZD, Couto EKNND 2014. O rito de passagem da viagem em “O Amor nos Tempos do Cólera”, de Gabriel García Márquez. *Letrônica A* 7(2):868-883.

Queiroz TJM 1998. *Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo*. EDUFPI, Teresina, 64 pp.

Rego JMAN 2010. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*. Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em História, 291 pp.

Santana RNM 2001. *Evolução Histórica da Economia Piauiense*. 2.ed, Academia Piauiense de Letras, Banco do Nordeste, Teresina, 133 pp.

Santos LAC 1994. Um Século de Cólera: Itinerário do Medo. *PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva A* 4(1):79-110.

Silva RM 2014. O Determinismo Hereditário da Medicina Legal e Discurso Higienista no Piauí: os intelectuais da saúde e os ditames da nação no final do Século XIX e início do século XX. *Contraponto*, 3(1):59-76.

Theophilo R 1898. *A Violação*, Minerva, Fortaleza, 22pp.

Tuan Y 2005. *Paisagens do Medo*, UNESP, São Paulo, 374 pp.

FONTES

A Época, Teresina, ano 7, n.333, p.1, 10 de dez. 1884.

A Imprensa, Teresina, ano 18, n. 755, p. 4, 9 dez. 1882.

A Imprensa, Teresina, ano 18, n. 762, p. 3, 27 jan. 1883.

A Imprensa, Teresina, ano 20, n. 846, p. 2, 11 dez. 1884.

A Imprensa, Teresina, ano 21, n. 879, p. 1-2, 11 ago.1885.

Piauí. Câmara Legislativa do Piauí 1914. *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Piauí pelo Exmo. Sr. Governador do Estado Dr. Miguel de Paiva Rosa no dia 1º de junho de 1914*, Liga Marítima Brasileira, Rio de Janeiro.

Piauí. Câmara Legislativa do Piauí 1919. *Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do Piauí pelo Exmo. Snr. Dr. Eurípedes Clementino de Aguiar, Governador do Estado em 1º de junho de 1919*, Typ d' “O Piauhy”, Teresina.

The Enemy Comes from the Sea: Cholera, Fear and Death in Piauí's Coastal Zone at the End of the 19th Century

ABSTRACT

The fear of death in human imagination raises forms of facing reality, determining actions and reactions that can extrapolate the situation's concrete relevance. In the history of mankind, the oceans have not only been vectors of new technologies and knowledge dissemination, but also of fragilities and uncertainties, because alongside with innovations came the adversities, notably diseases of other worlds. The article aims to analyze the fear of the arrival of the Cholera in Piauí's coast in the end of the nineteenth century through the "port" of Amarração, understanding the relationship between the fear of Cholera, disease and death in Piauí. The methodology consisted of bibliographical and documentary research, having, as main source, the Piauiense journal "A Época", in its issue of December 10th, 1884. From the analysis made, it was inferred that, by the end of nineteenth century, in Piauí, fear of this disease, which had already become epidemic in the state in previous decades, was experienced.

Keywords: Cholera; Fear and Death; Piauí's Coastal Zone; History of Health and Disease.

Submissão: 15/05/2018

Aceite: 15/08/2018